



O ACOPLAMENTO COGNIÇÃO-INTERNET: uma nova autoria

Nílcia Peres Mazzochi*

Cleci Maraschin**

Resumo: O presente texto tem como tema analisar um tipo de autoria na internet. Considerando a autoria como uma das expressões da cognição, discute e contextualiza os estudos da cognição no âmbito da Psicologia Social. Utiliza o conceito de Ecologia Cognitiva para pensar a cognição como intrínseca ao social, e a partir do acoplamento cognição-internet propõe um tipo de autoria possível que se estabelece na internet.

Palavras-chave: cognição, autoria, internet.

Abstract: The purpose of this text is to analyze a type of authorship to be used in the internet. Considering authorship as an expression of cognition, it discusses and contextualizes the studies of cognition in the social psychology area. It also uses the concept of Cognitive Ecology to think cognition as an intrinsic means to the social environment, and from the partnership cognition-internet it suggests a type of authorship to be established in the internet.

Key-words: cognition, authorship, internet.

1. Introdução

A partir das novas questões que a contemporaneidade provoca com relação tanto ao acesso quanto à interatividade na manipulação de informações, faz-se necessário repensar construções cognitivas tais como a da autoria, na medida em que a tecnologia possui uma capacidade potencial de intervir e interferir em aspectos da organização cognitiva. Tal como formulado acima, supõe-se que a autoria - uma das expressões cognitivas - seja regulada por condicionantes sociais e tecnológicos. O que equivaleria a dizer que o estudo da cognição se inscreve na perspectiva da psicologia social. Embora essa idéia não seja totalmente consensual alguns autores mostram a sua intimidade.

A partir do surgimento das ciências cognitivas na década de 50 em solo americano tem se produzido um conjunto de modelos científicos de explicação do funcionamento da mente. O primeiro propósito deste estudo é o de identificar dois modelos de cognição contrapostos diferenciando sua relação com o social: o modelo da representação e a ecologia cognitiva. Para justificar a cognição dentro da perspectiva da psicologia social, utilizo a idéia de ecologia cognitiva, desenvolvida por Pierre Lévy, pois considera a coletividade pensante formada por homens, tecnologias e instituições.

A cognição, conceituada a partir da idéia de uma ecologia cognitiva resultante, no caso específico, do acoplamento com a internet possibilita recolocar a problemática da autoria sob uma nova dimensão.

2. Cognição e psicologia social

A cognição, um tema tão caro aos psicólogos, é apresentada nos manuais clássicos de psicologia e de psicologia cognitiva, tais como Introdução à Psicologia de Linda Davidoff e o Manual de Psicologia Cognitiva de Eysenck¹, dentro de uma concepção individualista, isto é, encapsulada no interior da mente de um sujeito e descontextualizada da realidade social. Kerckhove (1999) aponta essa experiência de uma consciência privada que exclui a comunidade, crê que os fenômenos psicológicos conhecidos como inteligência, memória, emoção são completamente individuais e localizáveis na privacidade silenciosa do ser humano singular. Como demonstra Farr (1998), isto se deve ao fato da psicologia cognitiva ter se originado no seio da psicologia social americana², que apesar do nome entendeu os fenômenos sociais a partir de uma ótica positivista, erguendo uma ciência comportamental e experimental, influenciada pela cultura extremamente individualista americana, que possui suas raízes no renascimento e no iluminismo do século XVII³.

* Psicóloga, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, integrante do Programa de Pesquisa Cognição e Novas Tecnologias.

** Psicóloga, Doutora em Educação, professora do Instituto de Psicologia (UFRGS). Professora Adjunta do Instituto de Psicologia. Coordenadora do Programa de Pesquisa Cognição e Novas Tecnologias da UFRGS.



Freitas (1997) alerta que, da mesma forma que não existe uma psicologia com "P" maiúsculo, e sim psicologias, a psicologia social deve também ser tratada a partir de suas múltiplas vertentes. Por sua vez, cada forma de psicologia social abarca diferentes formas de se conceituar a cognição, fato que permitiria falar de uma diversidade de psicologias cognitivas. Importantes contribuições para se pensar a atividade cognitiva são advindas da Escola de Genebra representada por Piaget, Escola de Moscou de Vigotsky, fenomenologia de Husserl e Merleau-Ponty e ainda da teoria da Gestalt.

Neste estudo, tentaremos argumentar que a psicologia cognitiva e a psicologia social têm relações mais profundas que sua origem comum, ao procurar identificar a cognição como uma construção social, ou seja, uma modalidade de singularização do pensar-conhecer no social.

A aproximação do campo da psicologia cognitiva permite vislumbrar dois modelos⁴ antagônicos que agem como um divisor de águas nos estudos da cognição: o paradigma da representação e o paradigma ecológico da cognição. O estudo das ciências cognitivas é muito complexo para permitir uma divisão simplificada do assunto, no entanto não é nosso objetivo traçar um estudo exaustivo desta, mas, sim, com o intuito de estabelecer uma diferença que acarreta mudanças na forma do homem conceber sua mente.

A idéia da cognição como uma função representativa do mundo não é estranha à própria psicologia. Pode-se afirmar que a psicologia, em muitas de suas vertentes teóricas, acredita que o conhecimento é uma forma de representação do mundo. Ibañes (1994) salienta que um dos pilares nos quais a psicologia como disciplina científica se sustenta é o da idéia de que conhecer "cientificamente" a realidade psíquica implica conceber a realidade como algo independente da construção do sujeito e de sua localização histórica, além de julgar a natureza humana a priori, sendo regida por um pensamento generalista e universalizante.

Se a psicologia social⁵ ao estudar os fenômenos sociais deve ter claro que ela mesma é um fenômeno social, o mesmo vale para a psicologia cognitiva, não existindo possibilidade de separação entre sujeito e objeto, ou de uma exterioridade da realidade cognitiva em relação à realidade social. A partir do momento em que se dissipa a distinção entre sujeito produtor de conhecimento e objeto do conhecimento, ao contrário do enfatizado neste modelo, é que se reconhece que o saber sobre a sociedade está nela própria, e que nada possui de transcendental: depende dos olhos do observador e das contingências históricas e biológicas deste. Nenhum investigador pode pensar a sociedade em que vive, fora dela mesma.

O paradigma da representação, justificado a partir da psicologia social, é identificado por Kastrup (1997) pelo seu comprometimento com o projeto epistemológico da modernidade, onde a cognição é colocada em termos de forma e estrutura, ocupando o espaço intermediário das relações entre sujeito e objeto do conhecimento, como um espaço de representação. A cognição, neste sentido, opera segundo leis gerais à maneira das ciências naturais, e com o pressuposto de que é invariante, não está sujeita a transformações nem a surpresas.

O modelo representacionista foi utilizado pela psicologia no sentido de operacionalizar a redução da cognição a seus aspectos lógicos, sem considerar qualquer tipo de interação com o ambiente.

Decorrente deste modelo, surgiu o cognitivismo computacional, onde de uma forma mais específica é assumida a abordagem informacional da mente, a cognição definida pela computação de representações simbólicas a que correspondem. O cognitivismo pressupõe a faculdade de representar o mundo de uma determinada forma, isto é, a cognição agindo na base de representações que possuem uma realidade física sob a forma de código simbólico num cérebro ou numa máquina, símbolo entendido aqui como uma entidade física e semântica, cuja manipulação é baseada num código. A construção da máquina de Turing contribuiu para a realização de analogias entre o cérebro humano e o computador, pois tinha o propósito de tornar indistinguíveis os desempenhos do computador e de uma pessoa.

No modelo representacionista da cognição, observamos o estabelecimento de regras para exprimir a atividade mental e símbolos para exprimir as representações. Presume-se neste modelo um construto de cognição baseado na lógica de representação de mundo, independente da capacidade perceptiva ou cognitiva do sujeito, abstraída de seu devir e ancorada em princípios invariantes⁶. Os teóricos deste modelo acreditam que vivemos em um mundo objetivo passível de conhecimento, que o faz parecer como uma realidade independente de nós. Fica clara a idéia de uma cognição desvinculada de seus aspectos sociais.



A posição reflexiva da psicologia social, ou seja, tomar-se como um fenômeno social tal qual seus objetos de estudo nos interessa para repensar a cognição, problematizando o modelo de cognição tratado anteriormente. Isto não significa o abandono do modelo representacionista, mas sim seu ultrapassamento. Este ultrapassamento implica em encontrar um lugar para a dimensão cognitivista no interior de um novo regime cognitivo. No entanto, o inverso parece não acontecer: não há possibilidade de se extrair uma cognição social de uma máquina que opera num sistema fechado.

3. Ecologia cognitiva

A ecologia cognitiva problematiza a noção representacionista e individual do conhecimento que busca compreender o impacto das novas tecnologias nas formas de representação mental. Ao contrário, a ecologia cognitiva pensa a cognição como resultante da intersecção do indivíduo, técnica e instituições, não estando de acordo com a idéia de "impacto" das novas tecnologias sobre a sociedade, como se estas tecnologias tivessem sido lançadas por algum órgão estranho a nós, e não fabricado e imaginado enquanto tal pela humanidade. Assim, as tecnologias intelectuais são resultantes e possibilitadoras das construções sociais.

No intuito de compreender como o acoplamento cognição-internet pode constituir uma nova possibilidade de invenção de autoria, através de uma escrita hipertextual delineando novas formas de organização do conhecimento, utilizo o conceito de ecologia cognitiva de Lévy (1997).

A ecologia cognitiva constitui um espaço de agenciamentos, de interações concretizadas nas coletividades pensantes homens-tecnologias-instituições. Esta concepção exige por parte daqueles que se ocupam do problema da cognição, a consideração dos agenciamentos sócio-técnicos que retiram o sujeito da condição de centro do processo do conhecimento, tomando-o como mais um componente de uma via informacional.

O cognitivismo já havia afirmado que tanto o homem quanto a máquina são sistemas cognitivos. A novidade da ecologia, portanto, é pensarmos em termos de sistemas, onde as relações entre interno e externo são modificadas, onde máquinas e instituições possam ser pensadas fazendo parte interior ao sistema.

Bateson (1991) distingue dois tipos de troca entre sistemas. Nas trocas de energia, as unidades sistêmicas podem ser diferenciadas por uma divisão entre seu interior e exterior. Pegando-se a célula como exemplo de uma unidade sistêmica, esta é delimitada pela membrana celular, distinguindo claramente o que é exterior e interior a ela. No caso de trocas informacionais entre sistemas, as relações interno/externo são modificadas. O interno se constitui como o sentido dos componentes da via, sendo a unidade a própria via de comunicação. A cognição como um sistema que troca informações deveria ser definida como a via por onde essa informação percorre. Sob este prisma, a mente individual estaria acoplada com outras mentes, através das tecnologias e das instituições configurando-se como um sub-sistema de uma Mente maior. A idéia de Bateson é ampliar o sentido individualizante de mente, esta ligada não só ao corpo, mas às vias e mensagens que se dão fora do corpo, imanentes ao sistema social total interconectado e fazendo parte da ecologia planetária.

A idéia de um deslocamento das fronteiras que reconfiguram os sistemas, possibilitando a passagem do interior ao exterior e do exterior ao interior pode ser ilustrada pela fita de Moebius ou pela dobra de Foucault, onde o lado de dentro é uma dobra do lado de fora, é o sentido dado ao papel das tecnologias intelectuais: exteriorizar, objetivar, virtualizar uma função cognitiva ou uma atividade mental. Ao mudá-la, transforma e reorganiza a ecologia cognitiva, gerando novos regimes cognitivos. Nesta perspectiva, fica clara a idéia de uma cognição implicada no coletivo e no social geralmente subestimada. Um coletivo que engloba as sinapses, redes neurais, pessoas, instituições sociais, regras e costumes que regem nossos relacionamentos e influenciam no curso de nossos pensamentos. Os deslocamentos das fronteiras, pela inclusão ou exclusão de determinada tecnologia ou instituição, geram modificações cognitivas advindas da constituição de regimes cognitivos repercutindo por todo o sistema.

Assim, podemos propor com Lévy (1997), a constituição de uma ecologia cognitiva oral e escrita pelo deslocamento das fronteiras dos sistemas na incursão da fala e da escrita, respectivamente. Também é possível pensar que a inclusão das máquinas de manipulação simbólicas ao condicionarem novas formas do homem interagir, acessar e organizar as informações, transformam o conhecimento gerando novos regimes cognitivos.

Se no modelo representacional o computador foi tomado como metáfora da cognição, como explicitação do seu processamento lógico, para Lévy, o acoplamento cognição-internet, além de possibilitar o incremento de



determinadas funções cognitivas tais como a memória e a possibilidade de realizar cálculos complexos, acarreta uma produção da cognição, um agenciamento capaz de criação cognitiva, tomando-se assim uma tecnologia intelectual.

O conceito de acoplamento estrutural, formulado por Maturana e Varela (1997), é utilizado para pensar a processualidade e reciprocidade que existe entre organismo e meio, onde ambos não pré-existem independentemente, apresentando-se como fontes mútuas de perturbação: ao mesmo tempo em que são relativamente independentes, causam efeitos recíprocos.

A noção de acoplamento é fundamental para se pensar a autoria como resultado do acoplamento cognição-internet, pois esse acoplamento faz com que algumas das características estruturais das construções hipertextuais possam fazer parte dos próprios esquemas estruturais cognitivos ressignificando-os, o que torna a autoria algo constantemente criativo e inovador.

Nossa questão consiste em pensar que regimes cognitivos são constituídos pela ecologia cognitiva informática e, mais pontualmente, como o regime cognitivo daí decorrente pode delinear as novas possibilidades de escrita e de autoria revelada nas formas expressão e de uma estética eletrônica.

Kastrup (1998) retoma Foucault para definir a idéia de regime cognitivo. Segundo a autora, o regime cognitivo constitui-se a partir do conjunto das regras criadas por um processo de aprendizagem envolvendo acoplamentos com tecnologias cognitivas.

A ecologia cognitiva digital possibilita a constituição de diferentes regimes cognitivos, a partir das regras criadas pelos processos de intercâmbios de saberes acoplados à tecnologia digital. Com a virtualização das informações, uma importante característica desta ecologia, figura um regime cognitivo que convive com a desterritorialização espaço-temporal e com uma nova forma de interatividade que acarreta mudanças nas funções cognitivas. Propomos que está se estruturando uma nova possibilidade de exercício de autoria com implicações nas formas de organizar, relacionar, comunicar e apresentar idéias a partir de uma "escrita digital".

As características do hipertexto tais como metamorfose, multiplicidade, mobilidade, topologia, heterogeneidade e exterioridade, vão de encontro ao modelo representacionista da cognição, já que nenhuma estrutura dentro de um texto dado proporciona um significado universal e necessário. Pensamos que estas características são as fundantes deste novo regime cognitivo configurador daquilo que estamos denominando de nova autoria.

4. A função autor

Foucault (1992) em sua obra "O que é um autor", coloca que a função-autor constitui-se a partir de regimes de verdade, tanto institucionais como legais, de uma determinada sociedade e época. Na idade média, por exemplo, a função autor nos textos que hoje chamamos de "científicos", era legitimada se assinalada com nomes de autores com alguma importância naquele contexto. Já no século XVII e XVIII, o nome do autor cedia lugar ao anonimato, pois o que importava era o estatuto de verdade científica contido nos discursos.

A idéia de autoria para Foucault (op.cit.) não é meramente definida pela atribuição espontânea de um texto ao seu idealizador, mas sim através de procedimentos complexos, nos quais não se refere a um indivíduo concreto somente, mas a uma multiplicidade de "eus" e a uma "série de posições subjetivas que podem ser ocupadas por todo e qualquer indivíduo suscetível de cumprir tal função" (Miranda e Cascais, 1992, p.22).

Mesmo que Foucault tenha direcionado sua análise da autoria em textos escritos, os elementos citados acima são interessantes para se problematizar a autoria na internet. Pensada a partir da ecologia cognitiva digital, a autoria inscreve-se a determinados regimes cognitivos, a acoplamentos estruturais situados num contexto histórico determinado, os dias atuais. Além disso, é uma autoria que transcende a individualidade do autor, pois justamente é pensada a partir de uma ecologia, construída na relação entre homens-coisas-instituições.

Para fins deste estudo, enfocaremos os profissionais do ciberespaço (pessoas que trabalham na internet) para pensar o acoplamento cognição-internet e analisar como esta relação afeta seus modos escrever.



Buscamos estudar a internet como uma tecnologia intelectual, a qual institui, dá lugar a novas relações e como os webdesigners se apropriam e se constituem neste espaço. Como se deu sua formação, em que regimes cognitivos podemos situá-la? Como organizam seu conhecimento? O que significa pensar com o computador e no computador? Qual a nova autoria de pensamento que está se configurando na rede?

Alguns indicadores foram colhidos através de um estudo piloto com sujeitos que criam home-pages institucionais na internet.

A vivência do trabalho na rede, implica não somente a autoria de um sujeito que a constrói, mas de todos seus construtores. Para erigir este espaço mutante é preciso dominar a técnica e a partir disto, de cada operação feita, criar pontos de acoplamento entre o sujeito e as condições virtuais oferecidas.

Axt e Maraschin (1999), num estudo que focaliza avaliações espontâneas dos participantes de um curso à distância suportado por ambiente telemático, analisam o processo de autoria na lista de discussão. Segundo estas, na lista "cada autor poderia ser considerado uma referência instituinte deste espaço, o qual vai se tornando visível através dos textos produzidos" (Axt e Maraschin, 1999, p.37). É uma autoria calcada na idéia de rede, na medida em que cada um remete seu texto a inúmeros outros integrantes, "num movimento aparentemente caótico porque simplesmente imprevisível" (idem, p.38). Imprevisível, tal como já nos alertou Foucault (op.cit), pois as posições ocupadas pelos sujeitos na assunção da autoria são inúmeras, dependendo das particularidades e contingências dos sujeitos-autores. Decorrente disto, as diferentes posições que a função-autor pode assumir, predispõem a autoria no interior do hipertexto coletivo.

O hipertexto é coletivo já que a organização de uma home-page pressupõe uma reordenação, concatenação de outras páginas por meio de ligações hipertextuais. O hipertexto assim construído remete a uma ressignificação das funções autor e leitor. Tanto o leitor quanto o autor aparecem com a faceta de um navegador, pois percorrem e participam da redação do texto ao trilhar os nós preexistentes na rede que lhe fazem sentido⁷. Dessa forma, podem criar links e conexões, despedaçando-os e "colando-os" em outros documentos.

Nestes movimentos, que se dão em múltiplos sentidos e direções, percebe-se transformações e um novo ritmo à cognição, os quais devem ser pensados no acoplamento cognição-internet.

A partir de depoimentos de webdesigners, se explicitam aspectos interessantes de suas relações com o saber: não apresentam uma formação acadêmica específica para trabalharem como webdesigner, seus aprendizados se deram com e na relação com o computador; estabelecem uma relação de aprendizagem na/ com a rede; a bibliografia utilizada consiste na pesquisa de outros sites; salientam como uma das dificuldades de seus trabalhos os obstáculos tecnológicos, pois demandam de ferramentas velozes para poder operacionalizar o trabalho na rede. Esta demanda no trabalho acaba por influenciar na sua vivência do tempo, pois filmes mais lentos, ou a leitura de livros, acabam abandonados, considerados muito lentos.

Estes indicadores possibilitam apontar o interesse deste estudo no âmbito da psicologia social, uma vez que esse regime cognitivo transpõe o universo de trabalho configurando as modalidades cognitivas de muitos que tem na internet seu modo significativo de interagir, obter e organizar informações.

5. Notas do texto

¹ DAVIDOFF, Linda. *Introdução à Psicologia*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

EYSENCK, Michel. *Manual de Psicologia Cognitiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 487p.

² A Psicologia Social que surgiu no Brasil, como na América Latina nas décadas de 60 e 70, foi muito influenciada por esta concepção norte-americana de psicologia social.

³ Luis Cláudio Figueiredo (1996) denomina de subjetividade privatizada esta forma de individualismo decorrente da filosofia liberal.

⁴ Para fazer esta diferenciação tomo por base a distinção realizada por Kastrup (1997) entre o modelo da representação e o modelo da invenção como formas diferenciadas de compreender a cognição. Assim, propomos pensar a cognição a partir de duas grandes vertentes: a representacionista e da ecologia cognitiva de Lévy. A ecologia cognitiva foi escolhida aqui por englobar um caráter autopoietico (criativo) e por pensar a cognição diretamente vinculada no social.

⁵ Ibañes (1996) propõe uma agenda a partir da qual a Psicologia Social, que se quer distante da lógica positivista, deve avançar.

⁶ A psicologia cognitiva situa-se neste plano da representação, pois procede de acordo com uma investigação de tipo científica, fixando sua meta na busca de leis gerais dos processos cognitivos. Tudo que foge às leis invariantes estabelecidas, é considerado resíduo ou simplesmente esquecido. Kastrup entende estes resíduos como os erros sistemáticos ou ilusões intrínsecas à cognição, explicados

por leis universais: "definir a cognição como representação não significa assegurar seu valor de verdade, mas ancorá-la em princípios universais e invariantes, que asseguram a ela um regime de funcionamento marcado pela repetição e pela necessidade (...) limitada a um conjunto de desempenhos possíveis e previsíveis".

O conhecimento sob o prisma da representação, significa que conhecer é representar, ou seja, reconhecer. As experiências de reconhecimento permitem o reconhecimento objetivo dos objetos "isto é uma mesa" "o céu está azul" e que assegura nossa adaptação ao mundo e permitem nossa comunicação. No entanto, a recongnição apresenta-se impotente quando ela não dá conta de perturbações que não são da ordem do reconhecimento, mas do estranhamento.

⁷ Cabe salientar aqui, que mesmo um texto digitalizado pode não ser utilizado de forma hipertextual tal como descrito, sendo apenas mais uma ferramenta equivalente a uma máquina de escrever.

6. Referências bibliográficas

- AXT, Margarete e MARASCHIN, Cleci. Narrativas avaliativas como categorias autopoieticas do conhecimento. *Revista de Ciências Humanas*, V.1, n.1, p. 21-41.
- BATESON, Gregory. *Pasos hacia una ecologia de la mente*. Buenos Aires: Planeta, 199.
- DAVIDOFF, Linda. *Introdução à Psicologia*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983. 732p.
- EYSENCK, Michel. *Manual de Psicologia Cognitiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 487p.
- FARR, Robert. *As raízes da Psicologia Social Moderna (1872-1954)*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *o que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992. 161p.
- FREITAS, Lia Beatriz de Lucca. *A moral na obra de Jean Piaget: um projeto inacabado*. Tese de Doutorado. SP: USP, 1997.
- IBAÑEZ, Tomás. *Psicologia Social Construcionista*. México: Universidad de Guadalajara, 1994.
- KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo: uma invenção do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC-SP, 1997.
- _____. *Máquinas Cognitivas: da cibernética à autopoiese*. (Palestra proferida nos Colóquios de Pesquisa no dia 09/11/98 no PPGPSI.)
- KERCKHOVE, Derrick de. *La piel de la cultura: investigando la nueva realidad electrónica*. Barcelona: Gedisa, 1999.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. *De máquinas e seres vivos: autopoiese – a organização do vivo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 138p.